

CONCEPÇÕES DE ESPIRITUALIDADE EM ESTUDANTES CONCLUINTES E RECÉM-FORMADOS DE PEDAGOGIA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Alberto Cardoso de Oliveira¹
Aurino Lima Ferreira²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as concepções de espiritualidade de estudantes concluintes e recém-formados do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, assim como problematizar as possíveis relações entre Espiritualidade e Educação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa participativa exploratória realizada através de questionários e entrevistas semiestruturadas na modalidade online com 93 (noventa e três) participantes. Os dados foram analisados por meio da técnica de análise temática e organizados em seis macro categorias que buscam apresentar as compreensões de Espiritualidade: Religião, Formação Humana, Acontecimento não-religioso, Aquisição de Valores Supremos e Altruísta, Processos de Mudança e Transformação do Sujeito e Participativa Decolonial. Os resultados apontam a predominância da Espiritualidade como Religião e a má formação/lacuna da formação docente oriunda da falta de embasamento teórico e prática pedagógica sobre Espiritualidade provocando distorções, reducionismos e a captura da Espiritualidade por interesses escusos, desumanos e desencantados.

Palavras-chave: Ensino Superior, Espiritualidade; Formação Humana; Formação de Professores; BNCC.

1 INTRODUÇÃO

Durante a minha trajetória acadêmica, obtive ciência sobre as intersecções entre a Espiritualidade e a Educação, no penúltimo ano de formação, através das disciplinas ministradas pelos Professores Dr. Aurino Lima Ferreira e o Dr. Rui Gomes de Mattos de Mesquita. A partir disso, coloquei-me a imaginar e refletir sobre os novos horizontes formativos propostos diante desse fenômeno educacional-espiritual. Assim sendo, ao dialogar com outros graduandos e recém-formados em Pedagogia acerca da temática da espiritualidade no campo educacional, percebi a presença de dois relatos: um que aponta a presença limitada da espiritualidade e outro marcado pelo eclipsamento da mesma.

No primeiro relato, uma parcela dos interlocutores afirma ter visto um pouco sobre Espiritualidade e suas relações com a Educação: no penúltimo ou no último ano; em modos de apresentação, seminários ou mediação em sala de aula e restritos a um ou

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia - Centro de Educação - UFPE. E-mail: albertocardosodeoliveira@gmail.com

² Professor Associado do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação - Centro de Educação - UFPE. E-mail: aurinolima@gmail.com

dois componentes curriculares, em um universo de mais de cinquenta componentes obrigatórios do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE.

O segundo relato aglutina aqueles que indicam não ter constatado essa temática nem ter estudado sobre essa correlação. E, dentro desse mesmo grupo, há aqueles que declaram que não faz sentido abordar sobre Espiritualidade e Educação, já que a educação é laica e, portanto, inserir essa coexistência é extrapolar a razoabilidade e o aceitável.

Diante desses conflitos narrativos e suas repercussões ético-pedagógicas, inquietei-me por investigar sobre quais são as concepções dos licenciandos sobre Espiritualidade e Educação, assim como identificar quais são as noções e ideias dos recém-formados sobre essa área.

A Educação e a Espiritualidade ainda são concebidas em esferas distintas ou opostas. Ao se tentar formular ou impulsionar suas interseções, geralmente, inclina-se a conceber a Espiritualidade como sinônimo de religião e o seu manejo estaria sob a responsabilidade da Educação como ensino religioso. No entanto, as polissemias se entrelaçam intrinsecamente com as disputas epistemológicas sobre o modo de ser, estar e permanecer no mundo. De acordo com Röhr (2013, p. 151):

As variedades das compreensões que conhecemos da Educação tem dificultado bastante a teorização sobre ela. Nota-se, claramente e de forma generalizada, a tendência a desistir de atribuir à Educação um objeto epistêmico próprio, que poderia caracterizá-la como área de conhecimento próprio, enfim, como ciência. Como é possível fazer ciência sobre Educação se dela não temos uma definição clara? Se for esse o critério, as demais ciências estariam na mesma situação complicada. Os sociólogos sabem definir o que é a sociedade? Os psicólogos, a psique? Os historiadores, a história? Essa situação permanece, mesmo com consenso aparentemente maior, nas ciências chamadas “duras”. Se perguntamos aos biólogos, o que é a vida, aos físicos, o que é a matéria, ou até aos matemáticos o que é um número, não receberemos respostas unânimes.

Sendo assim, é imperioso continuarmos com os debates epistêmicos na área educacional, como também precisamos situar as distinções de alguns termos como: **Educação, Ensino Religioso, Religiosidade, Espiritualidade e Formação Humana**. De modo a ampliar os atuais debates e vislumbrar outras possíveis compreensões e interpretações para o campo educacional.

Consoante a esse pensar, Freire (2011, p. 66), indica que “[...] a educação envolve sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática.” Não há neutralidade no ato de educar. Para o autor, a educação é um ato político e

transformador, é um processo de libertação e conscientização, é ir além da “transmissão” de conhecimentos, é construí-los através de uma prática dialógica e de reflexão crítica sobre a realidade.

Nesse processo de exercer uma ou mais concepções de educação, o professor defronta-se com regras, normas e orientações, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento normativo de referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a Educação Básica. Nessas linhas normativas, identifica-se o Ensino Religioso legalizado pela Constituição Federal de 1988³ e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), assim como regulamentado pela BNCC e outras resoluções as quais em conformidade com a mesma, os elementos da imanência, transcendência, alteridade e identidades são os embasamentos da unidade temática “Ensino Religioso”.

Desse conjunto, os sentidos e os significados de “Imanência e de Transcendência” precisam ser esclarecidos. A imanência é uma dimensão daquilo que é material, está dentro do próprio indivíduo, é uma realidade interna e intrínseca, não ultrapassando os limites da esfera ou realidade em questão. A transcendência é a dimensão imaterial, do subjetivo, do impalpável; contudo não menos real e com potência de afetar a realidade. Ela indica que determinada realidade não é limitada ou contida em apenas uma dimensão, como a material e biológica, vai além, incluindo uma perspectiva multidimensional (Röhr, 2012).

O verbo transcender não é hegemônico e se apresenta de modo distinto para cada área ou ciência. Ferreira et al (2016, p. 251) apresenta uma primeira distinção entre imanência e transcendência, quando aponta que: “A interpretação mais antiga dada ao conceito de transcendência deriva da relação dos humanos com a ideia de divindade, em um sentido teológico.” Isto é, é relacionado à divindade, separando o mundo físico e material dos homens do mundo intangível e intocável do divino. Todavia, é imperioso repercutir uma segunda distinção, na qual a “[...] transcendência também significa tornar-se divino. Ir além do meramente humano. [...] é um aspecto potencial da natureza humana”. Ou seja, compreender o humano como um ser que não está acabado e é capaz de atuar para além das infinitas possibilidades dos contornos da imanência,

³ O Ensino Religioso é o único componente curricular que consta na Constituição Federal de 1988, no Art. 33, e para não ser obrigatório pela Lei da Carta Magna, somente através de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) exigindo uma discussão e aprovação em dois turnos na Câmara Federal e no Senado Federal, obtendo respectivamente, três quintos dos votos dos deputados (308) e dos senadores (49).

ultrapassando as demarcações desse domínio. Com isso, nota-se que a palavra transcendência tem outras perspectivas que não apenas a de teor religioso.

Logo, a transcendência e a imanência fazem parte do alicerce do Ensino Religioso, mas não se resumem somente aos campos da educação e da religião. Enquanto a segunda distinção do transcender é mais apropriada a uma Educação com Espiritualidade, a primeira é mais pertinente ao Ensino Religioso que se integra à religião, composta pelo conjunto de crenças, rituais e práticas ligadas a um poder ou divindade(s) superior(s) e tem em suas estruturas, elementos como a fé, escrituras sagradas, venerações, celebrações, templos, transes, iniciações, músicas, etc. E, nesse ínterim, o ensino religioso e a religiosidade apresentam-se emaranhados, misturados confusamente, sem uma certa clareza e delimitação.

A partir disso, enquanto a religião diz respeito ao aspecto institucional e doutrinário, de acordo com o CRP-SP (2015, p. 292): “Religiosidade: modo pessoal de lidar com ou vivenciar um sistema de crenças e práticas religiosas, que podem estar ou não ligadas a uma instituição.” Citando um caso análogo, são os chamados “Intervalos Bíblicos” nas escolas onde uma grande parcela de alunos praticantes de religiões cristãs exercem atividades, como conversas, orações, danças e cânticos relacionados às suas práticas religiosas. Tais iniciativas podem ser individuais ou coletivas e ainda assim variar no grau de expressão e intensidade, conforme suas interpretações e experiências do cristianismo.

Por sua vez, a Espiritualidade não se associa obrigatoriamente e nem somente existe correlacionada à sistematização de crenças e práticas da religião. Isto é, a Espiritualidade pode estar ou não ligada ao aspecto religioso, existindo fora desse campo. No presente estudo, a proposta é de uma Espiritualidade tomada como uma das dimensões humanas cocriadoras do ser e de realidades. Assim, além das dimensões biopsicossocial teríamos uma dimensão espiritual que, se de fato considerarmos a importância de uma educação integral, deveria ser contemplada no processo de formação humana do sujeito.

No campo educacional, assim como em grande parte das ciências, o humano é restritivamente percebido como um ser puramente psicobiofísico, sendo a dimensão espiritual eclipsada ou atribuída a esfera religiosa. Contudo, como diz Röhr (2013, p. 21): “Refletir sobre a Espiritualidade implica, no nosso pensar, levar em consideração a integralidade do ser humano.”

Consequentemente, para Röhrl (2013 p. 155), “Educar é contribuir para a humanização” do ser humano. Ele destaca que, no campo educacional, seria fundamental termos uma compreensão dos conceitos de hominização e o de humanização. Nesse sentido, Röhrl (2011, p. 58) descreve que:

Pertencem ao processo de hominização todos os desenvolvimentos biológicos, psíquico-emocionais e cognitivos baseados num amadurecimento natural. A formação humana compreendida como humanização, ao contrário, seria o trabalho árduo de fazer valer a voz do lado mais sutil do ser humano, o espiritual.

Em consideração a isso, entendemos que a formação humana não implica apenas no desenvolvimento de hominização do ser mas também na compreensão do humano na perspectiva do multidimensional e da integralidade, ou seja, entender que há várias dimensões, tais como, a material, sensorial, emocional, mental e espiritual (Röhrl, 2010, 2013) que atravessam as vivências e experiências do sujeito. Além de apresentarem uma interdependência entre si, conforme postula o princípio da integralidade.

A formação humana integral proposta por Röhrl busca pavimentar o sentido da vida humana na cosmopercepção de que o significado da vida humana está no comprometimento ético-espiritual e na percepção da interdependência dos humanos. Ampliamos essa perspectiva colocando essa interdependência numa rede de múltiplas existências de seres não humanos e extra-humanos, rompendo com o pensamento antropocêntrico hegemônico. Em outras palavras, é compreender que qualquer elemento é o centro do universo relacionado a qualquer outro elemento, ou seja, toda centralidade é relativa ao referencial e, sendo assim, movimenta-se para admitir e reconhecer o ser humano como bio-psico-sócio-espiritual e seu permanente intercâmbio com outros mosaicos de possibilidades.

Nesse frente de propostas e tensionamentos, encontra-se o Núcleo de Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco discutindo a necessidade de pensarmos a educação pelo viés da multidimensionalidade e integralidade. Assim, no Estado da Arte, Santana (2024) faz um mapeamento das produções acadêmicas atuais, trazendo diversas linhas de pesquisa que buscam ampliar o diálogo entre a espiritualidade e suas interseções educacionais.

O Núcleo de Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação tem tomado a educação como formação humana (Röhrl, 2012, 2013; Freitas,

2012; Rodrigues, 2001), de modo a aprender o que já se construiu de forma humanizada, de aprender a desaprender o que se constrói a partir das lógicas coloniais, racistas e subalternizadoras e de aprender a problematizar o que se construirá no que se refere à relação do campo educacional com o campo da espiritualidade.

Os pesquisadores do Núcleo desenvolvem investigações sobre a temática Educação e Espiritualidade que se apoiam nas mais variadas perspectivas epistemológicas que se apresentam em 18 teses que discutem sobre as noções de Espiritualidade; Autoformação; Formação Humana, Multidimensionalidade do Ser; Resiliência Integral e Decolonial; Educação Guerreira; Autenticidade; Manejo das Emoções; Educação Emocional; Corpo e Testemunho; Cultivo da Atenção e Ecoespiritualidade.

As pesquisas e os estudos do Núcleo sobre a Educação e a Espiritualidade tornou a produção científica enriquecida de desdobramentos epistemológicos, proporcionando o nascimento de outros conceitos, sentidos e significados sobre a Espiritualidade, sobre as interligações necessárias entre a dimensão espiritual e a imanência humana. Com isso, será possível contribuir com uma nova pesquisa exploratória, amparando-se nos arcabouços teóricos e práticos criados e forjados tanto no Núcleo como também em outros teóricos.

Há uma frase atribuída a Luiz Fernando Veríssimo que diz: “Quando você pensa que tem todas as respostas, vem a vida e faz novas perguntas.” Agora, a Espiritualidade está perguntando: se a dimensão espiritual é inerente a uma formação humana integral na educação, com um Núcleo de Estudos e Pesquisas dentro do próprio Centro de Educação, o que pensam os licenciandos e recém-formados de Pedagogia desse Centro sobre a Educação e suas relações com a Espiritualidade? Explorar essas questões, pode trazer novos desafios, novas dúvidas e até mesmo situações inesperadas validando concordâncias ou contradições diante dos trabalhos desenvolvidos na área.

Se, por um lado, preenche-se algumas lacunas de embasamentos empíricos-teóricos; por outro, deve-se buscar preencher uma lacuna existente sobre o progresso dos estudos teóricos com a prática incorporada no pensamento dos(as) alunos(as), isto é, investigar quais são as concepções dos estudantes e recém-formados para não cairmos no que adverte Paulo Freire (Freire, 2001): “A teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem teoria vira ativismo.” o que permite a contínua distorção da Espiritualidade como Ensino Religioso e sua captura a serviço de políticas antagonicas a uma formação humana integral.

Desse modo, essa temática também se tornar indispensável para re/conhecer antigas, recentes ou novas ideias ou perspectivas sobre as compreensões e noções da Espiritualidade nos concluintes e formados. Ocasionalmente tanto um recorte avaliativo dentro do próprio curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE, como também identificando os pensamentos mais alinhados ou contraditórios a respeito desse fenômeno espiritual-educacional, já que esse entendimento guiará as práticas pedagógicas e espirituais do professor em si e em sala de aula, na escola e na educação, nas singulares realidades e nas pluralidades de mundos.

Dessa forma, essa pesquisa tem como **objetivo geral** compreender as concepções que estudantes concluintes e recém-formados do curso de pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) têm sobre espiritualidade e suas relações com o campo educacional. Para alcançar esse objetivo, faz-se necessário **especificamente** mapear as principais concepções de Espiritualidade adotadas pelos graduandos e recém-formados, assim como problematizar as possíveis relações entre Espiritualidade e Educação, segundo a narrativa dos estudantes concluintes e recém-formados em Pedagogia do Centro de Educação da UFPE.

Mundialmente a maioria das sociedades são regidas pelas ações, pressões e influências dos projetos de poder neoliberais baseados nos interesses do mercado e da moeda, dos sujeitos de alto rendimento e da formação dos sujeitos empreendedores. Dito isso, no Brasil, o 2º artigo da Constituição Federal, de 1988, anuncia a Educação como dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Posto esse contexto, observamos que há uma disputa sobre esses princípios e ideais a serem pautados como direito ou como serviço, como bem em comum ou mercadoria. E se, nessa lógica, a Educação é um campo de conflitos e confrontos, a Espiritualidade é constantemente submetida às mesmas tensões e desafios.

De acordo com Rufino (2021, p. 7), “Para erguer catedrais se lançou mão de uma política de desencantamento, se firmaram contratos de subordinação e se mantém até os dias de hoje agendas contrárias à vida. [...]”. Ou seja, para construir grandes realizações (catedrais) na lógica dominante de opressão a outras formas de vida e modos de existência, houve uma perda da conexão dos aspectos naturais e espirituais (política do desencantamento) - vale ressaltar que essa perda de conexão provém da captura dos conceitos de princípios da liberdade e ideais de solidariedade pelo prisma de um projeto social neoliberal e colonizador.

Santana (2024) aponta que, no Brasil, através da busca no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, a respeito das produções científicas sobre Espiritualidade e Educação apenas o Núcleo de Educação e Espiritualidade da Universidade Federal de Pernambuco trata sobre essa relação de forma direta. De forma que se torna urgente a ampliação de novos grupos de pesquisa no intuito de expandir novas produções acadêmicas que tratem diretamente da intersecção desses campos.

Quando investigamos a temática na BNCC (2018), percebemos a presença da palavra Espiritualidade, contudo vinculada à manifestação religiosa e, ainda assim, ao escrever sobre os princípios da imanência e transcendência, detecta-se o uso como subsídios teóricos ao domínio da religião e suas demarcações teológicas. O que provoca reducionismos e capturas específicas dos sentidos e significado nas relações do campo educacional com a Espiritualidade. A título de exemplo, o Ministério Público de Pernambuco recebeu denúncias de “cultos evangélicos” em escolas estaduais (Diário de Pernambuco, 2024) e logo excitou-se as discussões sobre qual é e como opera o diálogo inter-religioso em um espaço escolar circunscrito ou de uma transfiguração entre religiosidade e religião em um espaço escolar como extensão ilimitada, sintonizando-se com o que afirmam Filizola e Botelho (2019, p. 70):

A Base Nacional Comum Curricular traz contribuições para que se desenvolva uma cultura de paz nas escolas. Cultura essa como resultado do conhecimento e prática do respeito frente à pluralidade cultural e à diversidade religiosa existente em nosso país. Porém, na prática, observa-se a escola como palco de muitos conflitos culturais e religiosos, ora por ter sido um espaço onde predomina a cultura europeia-judaico-cristã ora por ser um lugar que não está preparado para dialogar com o diferente e com as minorias culturais e religiosas.

Cada vez mais o cenário revela a demanda e a carência por novas pesquisas e estudos sobre a Espiritualidade e suas relações com a Educação, combatendo a instrumentalização desse fenômeno relacional, segundo as agendas contrárias à vida que são permeadas pelas distorções de uma Espiritualidade para endossar a resiliência no ambiente de trabalho, aumentar a eficácia e logo, a lucratividade e para reforçar o estereótipo e as tradições sobre gênero em que determinadas atividades, permeadas pelo machismo institucionalizado, são do homem ou da mulher por natureza, tanto como os absurdos associados à sexualidade e à diversidade.

Para desvirtuar a formação humana, dissocia-se as práticas coletivas e comunitárias. Na tentativa de legitimar discursos, como o da falta de recursos e/ou da

infelicidade ocorrer por não estarmos vibrando na frequência da prosperidade. Para terminar, uma dita Espiritualidade à mercê da hegemonia cristã que não faz sequer questão de mobilizar seus fiéis ou adeptos em defesa do meio ambiente e das mudanças climáticas. Ao contrário, como a “morte e o apocalipse” são as únicas certezas da vida, então, fazer o quê? Conforme isso, assevera Rufino (2021, p. 7):

O chamado fim do mundo não é uma profecia, mas sim uma prática sistêmica que sustenta a modernidade e se perpetua ao longo de um tempo encapsulado pelas promessas de progresso e desenvolvimento civilizatório. Por mais que tenhamos sido investidos para esperar o fim e para ver baixar a salvação dos “justos”, não nos cabe mais a contemplação dessa história.

Sendo assim, no decorrer deste artigo, encontra-se o primeiro item, intitulado, “Formação humana e espiritualidade: um enlace necessário”, versando sobre a Espiritualidade como dimensão espiritual indispensável para a contínua humanização do ser humano. Ocultar a transcendência humana ou deslegitimar o potencial impacto dessa realidade no mosaico ontológico do ser é uma tentativa frustrada ou ignorância de causa que perpetua a formação do ser humano em um passado de ruínas das promessas antagônicas, que mantém no presente a falsa envernização da vida e constrói o futuro no cassino das hegemonias sócio-econômicas-políticas sob as apostas incessantes de enquadrar a vida a serviço do utilitarismo, do desencantamento do mundo e da desesperança na humanidade.

A seguir, o segundo item, denominado “(Trans)formação humana e Espiritualidade Decolonial”, aborda sobre as transformações a partir da Espiritualidade como comprometimento que forma, deforma e reformar o modo do ser perante as existências humanas, não humanas e extra-humanas. Isto é, não é mais o humano que se restringe à moral ou à ética para observar e conviver com as outras formas de vida, mas sim o humano que se movimenta com a incorporação do comprometimento derivado da transformação. Portanto, contemplando e coexistindo com outros modos de ser, de saber, de fazer, de sentir, de criar, de viver, de questionar, de ouvir, de falar, de acolher, de vir, contrários às autoridades racional-legal, à colonização, à subalternização, ao racismo, ao silenciamento e ao desencantamento.

2 ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO

2.1 Formação humana e espiritualidade: um enlace necessário

A educação vem sendo cada vez mais capturada para o desenvolvimento de habilidades, técnicas e acúmulo do capital financeiro (Laval, 2004). Desse modo, a educação é transmutada ao/pelo neoescolanovismo, neoprodutivismo, neotecnicismo e o neopositivismo suprimindo o acesso, às experiências e as vivências da multidimensionalidade do ser, da dimensão ético-espiritual e da busca sobre o sentido da vida. Reduzir e forçar o ser humano a ir contra o cultivo de si, o desabrochar da sua transcendência e o de ser multifacetado é podar a integralidade do ser. Ou seja, deformar outros modos de pensar, criticar, criar, aprender, imaginar, resistir, esperar e cuidar. Continuar por essa proposta de formação humana, arriscaria a dizer, é perpetuar a barbárie primitiva (a dilatação da violência como ética das relações) ou constituir uma desumanidade pós-moderna (a fragmentação do sentido humano, a perda de empatia, o individualismo, a desconexão de si e dos outros).

Laval (2004, p. 77) adverte-nos sobre a submissão da educação aos interesses utilitaristas da moeda, à menção da Mesa-Redonda Europeia: “A educação deve ser considerada um serviço prestado ao mundo econômico.” Culminando, sem dúvida, na asserção de Freitas (2018, p. 127): “Uma escola inserida no mercado também se converte em espaço de geração de lucro.” Isto é, inserir as demandas econômicas e do mercado de trabalho como uma máxima é desumanizar a formação humana. O primeiro compromisso da educação é com a vida, que considere a existência e as correlações do ser humano, dos animais, das plantas, do solo, dos astros. Para isso, é impreterível a educação integral. Indubitavelmente uma integralidade que comporte a dimensão espiritual, na qual a transcendência seja tratada não apenas como produto ou como resultado de um processo, mas como algo cocriador, construtor, potencializador e transformador de realidades.

Essa disputa entre uma educação voltada para formação humana, com sujeitos multidimensionais e integral e uma educação focada na formação de indivíduos do desempenho, da eficiência e da produção legitimou-se ainda mais com a BNCC. Por exemplo, a inteligência emocional, ao invés de promover o autoconhecimento e bem estar, é subjugada ao preparo de funcionários com maior resiliência emocional para suportar abusos e assédios. A educação financeira, em lugar de se basear na crítica ao consumismo, fomenta promissores acionistas para a gestão de riscos financeiros e a

carnificina de Mamon⁴. As inovações e as tecnologias, em vez de oferecer melhores condições de tempo para o autocuidado e o lazer, são usadas para otimizar o tempo para gerenciar mais horas a favor da exploração do trabalho.

Nessa mesma gravidade, a Espiritualidade na BNCC está apropriada pelas ocultações, distorções e afastamentos de si, da integralidade e da transcendência, corroborando com Laval (2004, p. 86): “[...] as palavras nunca são neutras, nem mesmo quando querem ser apenas técnicas, operacionais, descritivas”. Diante dessas perspectivas, faz-se necessário analisar as habilidades da BNCC atreladas aos atritos de dois conceitos de inadiável distinção ao Ensino Religioso: **a ética e a moral**.

A moral remete ao conjunto de hábitos, costumes e valores admitidos por um indivíduo, grupo ou sociedade, sendo considerada como o que é certo ou errado e, na maioria das vezes, é fundamentada em tradições culturais ou religiosas. Exposto isso, a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 449), no Ensino Religioso, em habilidades traz: “(EF04ER04) Identificar as diversas formas de expressão da **espiritualidade** (orações, cultos, gestos, cantos, dança, meditação) nas diferentes tradições religiosas.” Assim sendo, de acordo com a moral e a proposta de habilidade, ocorre o entendimento de que há formas de orar que são únicas e verdadeiras, enquanto outras são falsas; há cultos que são edificantes ao grupo familiar e outros que são contrários às crenças das famílias; há gestos sagrados e outros profanos; há cantos louváveis e outros diabólicos; há danças justificadas e outras consideradas como coreografias sem fundamentos; há acessos legítimos ao divino pela meditação e outras meditações que são heresias. Entretanto, isto é Religião ou Religiosidade; contudo a Espiritualidade não é isso.

De acordo com Chauí (2000, p. 436): “[...] Ética, [...] é, uma reflexão que discuta, problematize e interprete o significado dos valores morais.” A ética é a escolha do indivíduo perante a sociedade formando pactos coletivos; mas, o que é ético para uma pessoa, pode não ser ético para outrem. A BNCC (2018, p. 445), no Ensino Religioso, traz outra habilidade: “(EF07ER02) Identificar práticas de **espiritualidade** utilizadas pelas pessoas em determinadas situações (acidentes, doenças, fenômenos climáticos)”. Nesse entrelace entre a ética e a proposta da habilidade, pode-se pensar sobre: se, durante um acidente violento, um médico aponta ser necessário realizar a imediata transfusão de sangue para salvar a vítima, segue-se pela ética médica. Mas, o

⁴ Mamon é uma figura simbólica da religião cristã alusiva ao dinheiro, à riqueza ou à ganância material. Neste contexto, significa a exploração do mercado financeiro baseado no lucro à custa de qualquer coisa e qualquer um.

acidentado pode em sua ética individual recusar e preferir aguardar o inesperado ou um método alternativo. Após uma catástrofe climática, um grupo pode decidir eticamente somente orar e outra comunidade optar por providenciar mantimentos. Ainda assim, trata-se sobre Religião e Religiosidade e não sobre Espiritualidade.

Percebe-se que uma educação baseada no ser biopsicossocial e alicerçada na moral e/ou na ética não consegue equacionar as divergências e confrontos sobre a relação do humano consigo, com a diversidade do outro e com a pluralidade do mundo. É absolutamente preciso ir além do sujeito social ético (Rodrigues, 2001), que mesmo amadurecidas e alcançadas a autonomia da liberdade, a física e a intelectualidade - a última mais relevante para o autor - ainda é conceber a cognição como agente de redenção dos obstáculos e embaraços criados pelo próprio sistema humanitário para formar pessoas responsáveis e comprometidas com valores como o altruísmo, o senso de justiça, a tolerância, a honestidade e a paz. Lamentavelmente, é um outro modo de repetir as tragédias advertidas por Rodrigues (2001, p. 252):

Todas as grandes tragédias que a humanidade conheceu resultou de ações implementadas por indivíduos ou grupos humanos dotados dos conhecimentos e dos recursos tecnológicos mais avançados à época dessas tragédias. Desse modo, podemos desconfiar de que o domínio de conhecimentos e de habilidades não garante o desenvolvimento humanitário nos educandos [...].

Portanto, para não repetir as tragédias do passado, não continuar com uma educação a serviço do desencantamento da vida, não perpetuar a espiral do cognocentrismo e as mutações educacionais advindas do neoliberalismo, é que, para o Núcleo de Educação e Espiritualidade do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, a educação deve ser compreendida não como mero processo de escolarização ou extensão dos interesses mercadológicos; mas, como uma formação humana integral, admitindo o sujeito como um ser bio-psico-sócio-espiritual e suas outras possibilidades de manifestação e expressões da vida. Contrário ao atual modelo racionalista e egocêntrico de ser humano como apogeu da evolução. Para confessar e admitir-se como um ser integrante, no processo de coevolução cósmica, e re/conhecer a vida e o fato de existir pelas vidas também extra-humanas, pelas outras formas de inteligências e experiências de seres vivos e ditos não vivos. Ser menos explorado e marginalizado pelo outro e percorrer mais a coexistência e a interdependência como parte do fluxo da vida, ao invés de considerar-se o fluxo central, extraindo assim modos

de ser, saber e poder mais amorosos, compassivos, encantados, afeiçoados e inefáveis distintos da hegemonia ocidental.

Portanto, enlaçar a Espiritualidade e a Formação Humana não é propor um movimento anti-teoria, é propor uma outra teoria, na qual o substrato da educação seja a vida integral, assim dizendo: transcendental, espiritual e plurifacetada. É caminhar por um raciocínio e uma lógica legítima, científica e enigmática. Contudo, para isso, é inevitável ultrapassar a situação-limite⁵ imposta pelas hegemonias de uma educação reducionista e fragmentada. Ao ser percebida criticamente pelo Núcleo de Educação e Espiritualidade, seus pesquisadores elaboram, organizam e movimentam/se aos/nos atos-limites⁶, explorando os desdobramentos da ruptura entre o humano imanentecêntrico e o sujeito inacabado relacional, à vista de defender e descobrir o inédito-viável, que para Freire (2014a. p. 106): “O inédito-viável é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade”. Com isso, destaca-se uma outra diferença, a necessidade e a consequência sobre a **Espiritualidade na/para Formação Humana**, pois, se a **moral** é a regra - sobre o certo e o errado - baseada em uma dualidade da vida e a **ética** é a escolha - entre a ação e a omissão respaldada com os outros sobre as relações no mundo, a **Espiritualidade** é sobre comprometer-se e transformar-se para as existências, coexistências e interdependências.

2.2 (Trans)formação humana e espiritualidade decolonial

A Espiritualidade como comprometimento é estritamente associada à perspectiva da transformação. Não é mais o humano que transforma unilateralmente o mundo, e sim o ser humano que transforma a si (intrapessoal), entre si (interpessoal) e em correlação com o mundo (transpessoal). Essa transformação é o ato de incorporar os seres vivos e os “ditos” seres não vivos, humanos e extra-humanos, no horizonte da legitimidade do existir que, só pelo fato de existir, carrega por si só, um propósito singular. Consoante com o que diz Krenak (2022):

⁵ As situações-limites são obstáculos ou barreiras que as pessoas encontram na sua vida pessoal ou social e precisam ser vencidas. Diante dessas situações, algumas pessoas percebem que não podem/que não querem transpor ou como algo que sabem que existe e precisa ser rompido, empenhando-se na sua superação. (Freire, 2014a. p. 106)

⁶ As ações necessárias para romper as “situações-limites”. Freire as chama de "atos-limites" (Freire, 2014a. p. 106)

A grande diferença que existe do pensamento dos indígenas e dos brancos, é que os brancos acham que o ambiente é “recurso natural”, como se fosse um almoxarifado onde você vai e tira as coisas. No pensamento do índio, se existe um lugar onde você pode transitar por ele, é um lugar em que tem que se pisar suavemente, andar com cuidado, porque ele está cheio de outras presenças.

Para o ser humano, a árvore é mais um elemento secundário à hierarquização da vida útil em que o ser humano é o ápice de um processo de evolução universal. Mas, para outros seres humanos, não-humanos e extra humanos, a árvore é um elemento cósmico que assusta e ameaça o projeto e a racionalização capitalista-colonialista. A árvore é interligada a saberes ancestrais, territórios vivos e redes de reciprocidade, sendo uma entidade que coexiste e coevolui com outros/as. Para além de uma visão antropocêntrica, nota-se que não é a árvore uma entidade subordinada ao ser humano, mas um eixo de criação e sustentação de uma complexa teia da cosmo percepção da vida. Exemplificando, os povos originários não concebem a árvore apenas como madeira, sombra ou fruto, mas consideram a árvore como memória, como história, como morada do sagrado e como sujeito de direito. Contudo o ser humano continua antropocêntrico, atuando e conspirando contra a própria espécie, perpetuando o ideário imperialista, hipnótico e desencantador, como afirma Gomes (2022, p. 175):

Fomos adestrados para produzir mercadoria sem questionar, sem criticar ou formular ideias que nos afastem da linha de produção. Diminuíram nossa humanidade, ao expressar todo o cartesianismo, a prepotência, a ganância invasora e como deuses puseram-se no centro do universo e nos ofereceram a salvação para nossa pequenez.

Pois, adverte-nos Ferreira et al. (2024, p. 230): “[...] Falar de espiritualidade ou levantar a bandeira do espiritual não é o suficiente para propor uma ética da transformação humana e social, uma vez que a espiritualidade, ela mesma, é (ou pode ser) sequestrada pela lógica da colonialidade.” Portanto, refletir e comprometer-se contra a captura da Espiritualidade, na lógica racionalista, desumanizadora e subalternizadora, é selar o nosso mais profundo pacto de re/existir.

Porém, não se trata do existir e resistir, escrito, dito e implementado pelos floreios do antropocentrismo e do eurocentrismo, e sim do eco que persiste mesmo quando a voz que o originou já se calou, mas continua falando. É admitir uma resiliência coletiva e comunitária, espiritualizada, transformativa, epistemologicamente plural e de reconhecimento da história e da memória. Diferentemente do ocidente que

com sua resiliência individualista, neutra - ignorando as relações estruturais de opressão e desigualdades sem questionar ou transformar as estruturas - e instrumentalizada para com o mercado de trabalho e à capitalização do ser humano, mas desconectada da espiritualidade e do coletivo. Uma dessas possibilidades é trazida por Filizola (2024, p. 156):

Defendo a perspectiva dos processos de promoção da resiliência como Axé de(s)colonial participativa nas crianças do Ilê Axé Orixalá Talabi ao perceber a resiliência como um processo que mobiliza aspectos interiores (intrapessoais incorporados) interconectada com seres humanos e extra-humanos como orixás e encantados (interpessoais). Além da dimensão da transcendência, presente por exemplo nas manifestações/incorporações das entidades no contexto da cosmopercepção iorubá.

Entretanto, não basta somente alertar e denunciar, é preciso propor e tentar avançar para o mundo das fissuras, das rupturas, das fendas, das possibilidades de uma espiritualidade mais solidária, amorosa, compassiva, comunitária, mundana e cósmica.

3 METODOLOGIA

O trabalho baseia-se em uma pesquisa de natureza exploratória, abordagem qualitativa e perspectiva norteadora participativa, sendo o processo a análise temática de Minayo (2016) utilizada para analisar os dados do questionário e da entrevista semi-estruturada. Buscou-se compreender os sentidos, significados e interpretações das concepções de Espiritualidade dos concluintes e recém-formados do Curso de Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal de Pernambuco.

Os participantes foram 71 graduandos, representando aproximadamente 17,79% dos alunos vinculados ativamente ao Curso de Pedagogia, em 2024.2, a partir do oitavo período, e 22 recém-formados, entre os anos de 2024 e 2023, do mesmo Curso, contabilizando, ao todo, 93 participantes, variando entre as idades de 21 a 69 anos. Desse total, no que se refere ao sexo, são 73 pessoas do sexo feminino, 19 do masculino e 1 pessoa não-binária. Assim 92 participantes identificaram-se como cisgênero (ou seja, identificam-se com o sexo do nascimento) e o participante não-binário (não se identifica como pertencente a um gênero).

Em relação à etnia, está composta por 31 brancos/as, 35 pardos/as, 25 negros/as e 2 amarelos/as. No que diz respeito à religião, crença e credo, constitui-se por 30 católicos/as apostólicos romanos, 27 evangélicos/as, 9 agnósticos/as, 6 pessoas não-religiosas (não possui /identifica-se com a religião, credo ou crenças mas, tem fé

em algo/alguém), 4 ateus/ias, 4 espíritas, 3 espiritualistas, 2 candomblecistas, 2 juremeiros/as e 2 umbandistas, 1 católico apostólico ortodoxo, 1 deísta, 1 panteísta e 1 testemunha de Jeová. Por fim, no que concerne a renda familiar, 14 pessoas com menos de 1 salário mínimo, 38 pessoas com até 2 salários mínimos, 29 pessoas de 2 a 4 salários mínimos, 10 pessoas de 4 a 10 salários mínimos e 2 pessoas acima de 10 salários mínimos.

Todos os participantes responderam o questionário que continha questões abertas e fechadas em relação à compreensão de Espiritualidade e uma justificativa relacional entre educação e Espiritualidade, a presença da Espiritualidade nos componentes curriculares e na BNCC e a inclusão e debate sobre Espiritualidade na escola/em sala de aula. Após as respostas dos questionários, selecionou-se 3 graduandos/as e 3 concluintes, sendo esses divididos em duplas, conforme um dos três discursos apresentados: com teor mais religioso, com teor híbrido e com teor mais espirituais para passarem por uma entrevista semi-estruturada, via Google Meet, com um roteiro visando aprofundar as concepções e as noções sobre Espiritualidade.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Compreensão de Espiritualidade

Ao perguntar: “Qual é a sua compreensão de Espiritualidade?”, formou-se sete macrocategorias sendo: Religião (49 categorizações), Formação Humana (16), Acontecimento não-religioso (22), Aquisição de valores supremos e altruístas (4), Processo de mudança e transformação (3), Participativa decolonial (3) e Não sabe dizer (1).

No que se refere a **Espiritualidade como Religião**, destacam-se as palavras ou os termos Religião, crença ou credo, fé, religiosidade, assim como conexão com algo maior/sagrado/divino baseado em uma busca pelo significado, sentido ou propósito de vida pelo viés religioso, isto é, a Espiritualidade como Religião é a relação, o vínculo ou a dependência entre o humano e Deus. A **Espiritualidade como Formação humana** evidencia-se nas palavras/termos dimensão do ser humano, dimensão integral do ser, busca pelo significado, sentido ou propósito de vida, podendo estar ou não estar relacionadas à religião. A **Espiritualidade como Acontecimento não-religioso** sobressaiu-se nas palavras ou nos termos interpretação filosófica da materialidade da vida, responder sobre a própria vida/existência neste mundo, modo de compreender o mundo, o sentido da vida ou por uma explicação que ainda não sabemos ou não temos

cientificamente. **A Espiritualidade como Aquisição de valores supremos e altruístas** salienta-se nas palavras/termos despertar/promover os valores/sentimentos de amor, empatia, respeito, compreensão, perdão, assim como trabalhos com os valores humanos. **A Espiritualidade como processos de mudança e transformação do sujeito** distingue-se nas palavras ou nos termos processo de reflexão profunda de si mesmo, seus pensamentos e ações, construção e reconstrução da compreensão sobre a vida e o homem em que a consciência, por si, alcança diversos níveis de exploração da realidade, transcendendo e ressignificando a própria vida e o que a move. Por fim, a relação com sua própria existência e as experiências das suas relações consigo e com o mundo. **A Espiritualidade como Participativa Decolonial** revela-se nas palavras/termos, conexão com algo que transcende a materialidade da vida, como as entidades e a natureza, dimensão extracorpórea que se conecta com os seres vivos, busca por significado mais profundo da vida como a natureza, as pessoas, consigo mesmo e com os outros e o encontro consigo mesmo, a manifestação no respirar permitindo um fluxo maior com a própria existência, um caminho de relação consigo mesmo e com a vida plena.

Ao serem questionados: “Na sua opinião, há alguma relação entre Espiritualidade e Educação? Sim ou não? Justifique.” Obteve-se Sim (85 participantes), Não (5 participantes) e Não sei dizer (3 participantes). Partindo da assertiva de que mais da metade dos participantes consideram a Espiritualidade como Religião, as justificativas relacionais, dentro desse recorte, desdobraram-se em maior parte em duas categorias de explicações: **1) Relação do Estado com a Religião** - nesse viés, afirma-se que apesar do Estado ser laico, é notório como os signos e símbolos, regras e normas advindas da hegemonia cristã operam dentro/atraves do próprio Poder Público e, desse modo, essa relação poderia ser estudada tanto para fins de uma maior compreensão, como afirma a Participante 45: “(...) Acredito que precisa haver um conceito equilibrado sobre a laicidade e o olhar empático de educadores, religiosos, praticantes ou não, se faz necessário para compreender os processos devocionais dos estudantes, suas concepções e origens” ou, como diz a Participante 33: “ (...) Acredito que algumas religiões se valem da educação como forma de controle.” Sendo esse o caso, como um vínculo entre a educação e as relações de poder e ainda, como também afirma o Participante 64: “Deus, merece filhos discernidos academicamente. A educação em nosso País começou com uma obra missionária”. Nesse último, com uma análise sócio-histórica e suas consequências através da Educação Jesuítica, por exemplo. **2) Relação entre a**

Educação, a Religião e a Formação do Ser Humano - Por esses campos, a interseção entre Educação e Religião é vista como um vínculo capaz de educar para a cidadania, para os sentimentos e emoções, para os valores éticos e morais. Por exemplo, a Participante 73: “Temos a assinatura do Criador em nosso espírito e um vazio dentro do peito que só é preenchido por Ele. Para chegarmos a essa conclusão e buscarmos essas e outras respostas, precisamos do conhecimento proporcionado pela educação. O problema é quando essa educação não é libertadora, mas manipuladora/opressora.” Ou a Participante 77: “Na formação de reflexões sobre valores humanos e ética.” E ainda a Participante 85: “(...) A espiritualidade pode enriquecer a educação ao criar valores como empatia, respeito, propósito e autoconhecimento”. Dito isso, os participantes acreditam que essa Espiritualidade como Religião é capaz de promover um ser mais humanizado. Entretanto, retoma-se a discussão sobre a moral, a ética e a espiritualidade surgindo o impasse sobre a universalidade de princípios e valores. Se essa Espiritualidade, como Religião, traz elementos para influenciar a construção do ser humano, quais serão: a moral ou a ética; as emoções ou os sentimentos que servirão de base para um sujeito mais interconectado e interligado consigo, com os outros humanos e com os extra-humanos? Pois, uma Espiritualidade fundamentada na religião trará consigo inevitavelmente princípios e valores mais ou menos humanos ou desumanos sobre a vida e o comportamento do ser perante a vida. O que é considerado moralmente correto em uma religião, não será para outra, assim como existe o aceite do que é eticamente possível de pactuar em uma Espiritualidade como Religião e a recusa do mesmo pacto ser antiético para outra Espiritualidade como Religião.

Então, como garantir a existência humana e as co/existências cósmicas sem dogmatismo, sem exclusão, sem a erradicação de outras perspectivas de ser e sem a institucionalização das experiências únicas e da pluralidade da vida? Ou há um caminho para garantir uma Espiritualidade como Religião e sua relação com a Educação e alcançar o que propõe a Participante 96: “Uma relação de complementação. A religião pode agregar muito ao desenvolvimento integral dos nossos conceitos educacionais, interagindo diretamente com a forma com que colocamos esses conceitos em prática”.

4.2 Palavras-chave sobre Educação e Espiritualidade

Ao serem indagados: “Cite três palavras-chave quando você pensa em Educação e Espiritualidade”, atingiu-se o conjunto total de 158 palavras, que foram expressas na nuvem de palavras:

4.3 Componentes curriculares e suas relações com Educação e Espiritualidade

Ao serem interpelados sobre: “Em quantos componentes curriculares você teve alguma experiência sobre discussões e práticas relacionadas a Educação, a Espiritualidade e ao Componente Escolar?” 31 participantes declararam **nenhum componente curricular**; 36 em **1 componente**; 19 em **2 componentes**; 5 em **3 componentes** e 2 em **mais de três componentes**. Por esse viés, reforçar-se a necessidade de fomentar a discussão sobre a Espiritualidade nos componentes curriculares, visando combater a uma má formação dos profissionais da área da educação, seja para evitar uma interpretação generalista de Espiritualidade como Religião e sem fundamentos teóricos-pedagógicos, seja para impedir a perpetuação de uma Espiritualidade que promove sujeitos com identidades fragmentadas e distorções sobre a formação do ser humano à mercê da lógica e da racionalidade do Antropoceno consoante com o que afirma Ferreira et al. (2024, p. 237): “O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano e do que seja Espiritualidade”.

4.4 Espiritualidade na Base Nacional Comum Curricular

Ao serem perguntados: “Durante a sua formação pedagógica, você leu sobre a Espiritualidade na BNCC?”. 12 participantes disseram que **Sim** e 81 responderam **Não**. Apesar da BNCC ter sido homologada em 2017, evidencia-se que, por parte do Governo Federal, do Ministério da Educação e das Políticas Públicas, há uma falta de clareza sobre o que é Espiritualidade, qual Espiritualidade é dita, escrita e narrada e como essa Espiritualidade é perpetuada. Entretanto, se, para os profissionais da educação, “documentalmente”, não há clareza sobre o conceito, noção e percepção, vale frisar que para as classes sócio-econômica-políticas das hegemonias não restam dúvidas, como assevera Ferreira et al. (2024, p. 233): “(...) A constituição da modernidade e a invenção do seu sujeito estão diretamente imbricadas no modo pelo qual as formas de religiosidade ocidentais hegemônicas, judaísmo, cristianismo e protestantismo ajudaram na construção do mundo secular, no qual vivemos hoje.” Dessa maneira, temos atualmente posto, na materialidade dos fatos, uma contínua viabilização da permanência do predomínio de uma educação, com tendências de conversão ou doutrinação, aliada às faltas de políticas públicas estruturadas e voltadas à formação dos professores em temas como Espiritualidade. Podendo haver aproveitamento dessa lacuna para ampliar cada

vez mais a educação utilitarista, consumerista e instrumental em detrimento de uma educação de formação integral, do ser bio-psico-socio-espiritual.

4.5 Discussão/inclusão sobre Espiritualidade na escola e/ou sala de aula

Ao perguntar: “Na sua opinião, os professores da Educação Básica deveriam discutir/incluir a temática Espiritualidade na escola e/ou sala de aula?” Afirmaram **Sim** 80 participantes e 13 **Não**. Alarmante é a maioria dos participantes ser a favor da discussão e do debate na escola e/ou sala de aula e, contraditoriamente, essa mesma maioria não ter lido sobre Espiritualidade na BNCC, indicando uma falta de base e fundamento teórico-pedagógico. Assim sendo, a noção ou concepção de Espiritualidade fica à mercê da identidade e da subjetividade do professor, que distorce ou reduz a Espiritualidade como religião, religiosidade, crença, credo ou fé de acordo com suas visões dogmáticas ou parciais ou ainda endossada pelos projetos de poder neoliberais e capitalistas, no que adverte Ferreira et al. (2024, p. 237):

O modo de operar moderno busca estabelecer parâmetros universais, tomando a racionalidade cientificista positivista como estruturadora e medidora da realidade, assim a busca de neutralidade e isenção, propostas como modelo, na realidade, mascara os vieses de controle e relações de poder pautados, de maneira geral, pelo sexismo, pelo machismo, pela heteronormatividade, pela pele mais para branca e aderência aos interesses econômicos capitalistas. Nesse sentido, a espiritualidade precisa romper com tendências universalizadoras imperialistas, buscando descolonizar e alargar fronteiras.

4.6 Diversidade de discursos sobre espiritualidade

4.6.1 Entrevistas com o discurso com teor mais religioso

Para a **Graduanda 1**: “A Espiritualidade para mim é feita cotidianamente, como algo a ser feito para o ser humano sobreviver como comer e beber água.” Para ela, atualmente praticante de uma religião de matriz judaico-cristã, a leitura bíblica da palavra e da oração são exercícios fundamentais para a manutenção e ação de sua Espiritualidade. Concorda que a Espiritualidade deva ser estudada na Universidade promovendo diferentes ramificações sobre as concepções de Espiritualidade, como afirma: “Enquanto o Cristianismo tem uma noção X sobre Espiritualidade, outras religiões podem ter uma noção Y”. Para a mesma, Espiritualidade e Educação têm uma justificativa relacional para além do campo acadêmico, como um espaço não-formal, que é a Escola Dominical.

Entretanto, ressalta a condição de laicidade na Educação, isto é, defende que a escola é laica, cada ato de religião ou religiosidade deve ocupar um espaço circunscrito, pois diz: “É como misturar política e religião, uma hora termina dando problema”. Contudo, compreende que a pauta da diversidade religiosa deve ser iniciada nas escolas de modo mais amplo, não escolhendo somente um viés religioso, como o intervalo bíblico.

Para o **Formando 1**: “A Espiritualidade é algo esotérico, isto é, algo fora, algo além, algo que não tem uma explicação plausível dentro da ciência”. Logo em seguida, elucida que: “A Espiritualidade e a Religião são processos que caminham juntos e tocam-se mais cedo ou mais tarde, onde, em algum momento, essa Espiritualidade vai caminhar e fundamentar-se em uma fé, religião, crença ou credo.”

A título de exemplo, justificou-se através de uma história, ao expor que a Deusa Maat, deusa egípcia da verdade, da justiça, da ordem e da retidão, foi um ser sobre o qual a sociedade egípcia baseou leis e costumes, regulamentação e controle social. Em seguida, reitera:

É inegável, por exemplo, os aspectos religiosos da sociedade grega ou egípcia na influência da formação de outros modos de ser e de formar sociedades assim como os aspectos religiosos do cristianismo fizeram o mesmo com os sujeitos e as sociedades. Mesmo com as inúmeras tentativas da história de desvincular a Espiritualidade da Religião, a sociedade não consegue romper.

Ao final, relatou uma situação: quando, ao se afastar de uma roda de oração, no primeiro dia de serviço público, por não compactuar com tal ação em uma escola pública, isso gerou um acolhimento diferente por parte da equipe gestora e dos professores. Ressaltando também: “Se nós não estamos conseguindo implementar um currículo decente, o que vai dar-nos a garantia de abordar Espiritualidade na escola ou em sala de aula sem que a mesma torne-se mais um proselitismo religioso ou algo relacionado ao Coach?” E dito isso, termina questionando: “Sou professor de alunos/as do 5º ano do ensino fundamental I e tem alunos que não querem dançar coco no Carnaval por ser algo do “demônio”. Então, perceba o que acontece se permitir um intervalo bíblico? Como vai ser a confusão se for permitido um intervalo de gira? Por fim, para mim, a escola é laica”

4.6.2 Entrevistas com o discurso com teor mais híbrido

Para o **Graduando 2**: “Para mim, a Espiritualidade é algo muito voltado para a minha fé, que consigo ter um tempo para silenciar, em quietude, em reflexões. É o que ajuda a enxergar-me e entender-me.” E também adverte: “Identifico-me com a religiosidade e espiritualidade, mas tem pessoas que tem uma espiritualidade e não são religiosas, elas alimentam a Espiritualidade delas de outra forma”. Para o estudante, a Espiritualidade é algo mais amplo que a expressão religiosa, pois a partir dos templos religiosos a Espiritualidade irá ter um direcionamento X; mas, a partir da Universidade ou em uma Escola, terá um direcionamento Y, embora assevere que gostaria que não tivesse um viés religioso, e sim que falasse sobre aquele indivíduo e quem ele é.

Em relação ao intervalo bíblico, diz que o próprio nome já diz “bíblico” e nem todos comungam daquela fé, crença ou credo. Para mim, Educação e Espiritualidade é maior que isso, é enxergar o mundo e o mundo todo em si. Porém termina sendo algo restrito instituir o intervalo bíblico, pois, por tratar-se de um espaço público, deve ser tratado como algo amplo. Afirmando em seguida: “Quando estudei no ensino médio, havia intervalo bíblico, assim como eu lembro de já ver momentos assim no Centro de Educação (...) Eu mesmo como cristão, não participava do intervalo bíblico, porque não acredito ser o espaço e a escola é um espaço laico” e termina ao dizer:

Tem pessoas que não têm religião ou outro tipo de fé ou outras vertentes e não serão contempladas e ao existir segregação não é mais válido. Então, Educação e Espiritualidade não tem um viés segregador, é algo que consegue ampliar, acolher todas as pessoas, porque enxergar o indivíduo/s, ao mesmo tempo que o intervalo bíblico é algo segmentado, restrito e de pessoas específicas e por isso acredito que há uma relação educacional mas, Espiritualidade e Educação é mais que isso, é o todo, o intervalo bíblico é apenas uma pequena parte disso.

Afirma a **Formanda 2**:

Apesar de não sentir-me preparada sobre a temática por considerar a formação em pedagogia carente nesse assunto, por iniciativa própria fiz algumas buscas e pesquisas sobre Espiritualidade, assim sendo a Espiritualidade, para mim, é uma dimensão humana que a Educação ainda não considera como um todo, é uma Espiritualidade que conecta-se consigo e com os outros, do autoconhecer-se, das relações afetivas com os outros pares.

Desta forma, a Espiritualidade não tem necessariamente vínculo com a Religião, embora, através da Religião, acredite que possa desenvolver a Espiritualidade, ao dizer: “Através dessa Espiritualidade, eu posso me entender melhor, me aproximar melhor, entender as minhas fraquezas; mas uma pessoa sem religião pode estabelecer

esse processo sem está ligada a uma Religião.” No que se refere a uma prática de Espiritualidade ligada à Religião, concebe a oração ou a reza como uma prática espiritual e religiosa; contudo, uma prática sem vínculo com a Religião é meditação. Compreende que não há uma valorização de uma educação voltada à Espiritualidade ao discorrer:

Ainda estamos em uma educação tecnicista, contudo, se houver uma valorização da Espiritualidade na Educação, teríamos um ambiente mais acolhedor e afetuoso, como por exemplo, defendemos uma Cultura de Paz que não considera a Espiritualidade, então, fica algo mais no campo teórico que no prático e, ao desdobrar-se na prática, limita-se a um bem-estar psicológico apenas.

4.6.3 Entrevistas com o discurso com teor mais espiritual

Enuncia o **Graduando 3** que “A Espiritualidade é uma relação que o ser humano tem consigo mesmo, com a natureza, com o mundo, que seja essencial e que consiga ter um sentido/propósito nesse mundo para estar no mundo, podendo ser qualquer coisa até mesmo uma Espiritualidade Ateia”. Discorre que tem uma relação forte com a natureza, porém compreende que não tem essa relação somente com a natureza e acentua: “Se essa relação faltar durante muito tempo, eu não sei dizer se eu me reconhecera como ser humano.”

Além disso, aponta que por mais que discuta-se laicidade no Brasil, temos elementos religiosos que funcionam como mecanismo estatais, principalmente do Catolicismo Romano, mesmo ainda com o crescente número dos elementos evangélicos. Ao que diz: “É quase que uma regra faltando apenas ser uma regra escrita, tornando-se uma relação Frankenstein⁸ ratificando o que diz Silva et al (2020, p.1): “Outro elemento historicamente estruturante das relações de dominação no Brasil, ainda hoje atuais, é o papel da religião (...). Institucionalmente fundidos pela vigência do regime do padroado, Igreja e Estado se preservaram como verdadeiros pilares dos sistemas de dominação econômica, política e cultural”. Em relação ao intervalo bíblico argumenta que:

Os discursos tendem ao extremo, mas perceba que se o intervalo é livre dentro da ordem e controle social para expressar-se como

⁸ Victor Frankenstein é um cientista que cria uma criatura a partir de diferentes partes corporais. O termo Frankenstein é usado em alguns casos para dizer que algo está sendo montado de maneira desconexa formando um resultado estranho, remendado ou sem coesão.

prerrogativa nem a escola deve ser criticada e nem os alunos. Contudo, há um cuidado para não se virar um ato missionário. (...) Há outras denominações religiosas que requerem uma vestimenta específica para manifestar-se. Então, se você libera o intervalo bíblico dentro da escola, você tem que liberar também as vestimentas e apetrechos específicos para outras denominações. Então, se você quer liberar um culto dentro da escola, tem que liberar também os outros ritos e rituais.

Para a **Formanda 3**, a partir da maternidade, surgiu a necessidade ainda maior de haver um sentido para a vida. Diante disso, diz:

Eu precisei fazer um pacto comigo para me manter viva e, para isso, eu teria que me apaixonar pela vida. Então, é complexo falar de Espiritualidade, porque essa Espiritualidade precisa estar ligada a outras dimensões. A dimensão do meu corpo, do meu psicológico, o que eu gosto e o que eu não gosto. Esse processo de autoconhecimento é lento, gradual, não linear e doloroso também.

Dito isso, identifica-se uma Espiritualidade Participativa, ou seja, a Espiritualidade não como algo isolado ou pertencente a uma única dimensão humana, mas algo que se manifesta da interação dos diferentes aspectos da existência, como afirma Ferreira et al. (2021, p. 7).

A espiritualidade participativa é cocriada a partir de uma complexa relação de dimensões intrapessoais, interpessoais e transpessoais. Assim, os fenômenos espirituais são frutos de uma relação dialógica e compreendem não apenas uma dimensão, mas toda a gama de faculdades epistêmicas – racional, imaginal, somática, vital e estética. Em suma, não há cisão entre os aspectos imanentes e transcendentais.

Consoante a **Formanda 3**, a Espiritualidade no campo religioso é diferente da Espiritualidade no campo da educação:

Acredito que a Espiritualidade está muito forte dentro da escola, da palavra. A espiritualidade permite que os envolvidos sintam-se à vontade tanto para falar quanto para escutar. Então, tira a Educação que está focada na cognição desses alunos, sai desse local de: “Quero que meus alunos se desenvolvam” para “passar ao campo do envolvimento”. Então, essa aula vai passar a ser experiência, afeto, compromisso e estar ali presente. Acredito que seja potência da Espiritualidade dentro de sala de aula por conseguir entrar em um âmbito mais profundo.

Por fim, em relação à Espiritualidade ter a ver com religião, afirma que:

A religião até pode ser uma “pontezinha.” Acredito que o candomblé e a Jurema Sagrada são filosofias de vida e realmente ajudam-me nesse processo de autoconhecimento, da forma que me porto no mundo. Então, acredito que pode existir uma complementação, mas não que Espiritualidade tem a ver com Religiosidade ou obrigatoriedade de

associar-se à Religião. Acredito que elas podem se cruzar em determinado momento. Então, a Espiritualidade está em tudo, em todos nossos atos conscientes/inconscientes, dentro da nossa intuição, dos nossos prazeres, das nossas descobertas do que somos e quem não somos mais, do que podemos ser e das nossas possibilidades, tudo isso é Espiritualidade. Espiritualidade é potência. É aquela potência que te faz estar vivo, no meu respirar, no meu cantar, no sentir do caminhar com os pés no chão, na brisa do vento do meu rosto, e isso está aqui formando-me como pessoa.

Dito isso, faz-se necessário, como traz Amaro (2022, p. 11): “[...] 2º É preciso reconhecer que, existem formas de construção do conhecimento distintas do modelo epistêmico eurocêntrico-ocidental.” Isto é, reconhecer que as tradições ancestrais, ameríndias, africanas, orientais, que possuem outras cosmo percepções para compreender a si, o outro e a vida fundamentados. Seja na oralidade, na intuição, no simbolismo, na experiência pessoal ou coletiva, sejam nas formas de conhecimento válidas e legítimas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aponta que uma parcela expressiva dos estudantes e recém-formados do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco compreendem e interpretam a Espiritualidade como Religião. Portanto, tratar a Espiritualidade, nessa categoria, pode gerar enviesamentos tanto para a construção da noção ou concepção de Espiritualidade - por causa da subjetividade de cada ser humano entrelaçada nas plurais e diferentes religiões, crenças, credos e fé - como para legitimar o fundamentalismo religioso cristão, culminando em um ato de proselitismo/conversão ou atos como o intervalo bíblico que atua na interseção entre os limites/liberdade da expressão/manifestação religiosa, a garantia da laicidade da escola e do poder público e da não reprodução de um culto tradicional no qual a Espiritualidade é eclipsada como Religião e Religiosidade sem existir oportunidades de conhecer/aplicar na escola e na sala de aula outras teorias e práticas sobre Espiritualidade.

Neste estudo, mapeou-se seis concepções de Espiritualidade sendo: **1) Espiritualidade como Religião**: isto é, a interpretação relacionada intrinsecamente e inerentemente à Religião e Religiosidade; **2) Espiritualidade como Formação Humana**: ou seja, como mais uma dimensão para a formação do ser humano; **3) Espiritualidade como Acontecimento Não-Religioso**: digo, a interpretação da Espiritualidade baseada/explicada na materialidade da vida ou pela filosofia; **4)**

Espiritualidade como Aquisição de Valores Supremos e Altruísta: quer dizer, a interpretação como fundamento dos sentimentos mais relacionados às virtudes do ser humano, assim como aos valores éticos, humanitários e altruístas; **5) Processos de Mudança e Transformação do Sujeito:** falo da perspectiva da Espiritualidade como transformação de si, ter contato com um modo de vida e viver em compromisso com esse modo de vida, sem dissonâncias entre a teoria e a prática e **6) Participativa Decolonial:** seria viver uma Espiritualidade considerando outros seres como os animais, as plantas, as entidades como sujeitos de direitos e o ser humano como mais um elemento em coevolução, ao invés de uma evolução antropocêntrica.

Doravante, destaca-se o agravante de 80% dos estudantes/formandos serem a favor da inclusão/debate sobre Espiritualidade na escola/sala de aula, mas sem terem lido sobre Espiritualidade na BNCC. Desse modo, a médio prazo, outras concepções e noções de Espiritualidade como Formação Humana, Acontecimento Não-religioso, Aquisição de Valores Supremos e Altruísta, Processos de Mudança e Transformação do Sujeito e Participativa Decolonial serão um restrito modo de ser, saber e poder pertencentes a uma determinada classe política-social-econômica. Além de outras medidas, faz-se necessário reforçar o espaço dos diálogos e afetos, dos pensamentos e reflexões críticas e as perspectivas plurais de formação continuada tanto para os graduandos/as como para os/as concluintes, resguardando a Espiritualidade da instrumentalização religiosa ou mercadológica desvirtuando-a de seus fins formativos do ser humano, da vida e do esvaziamento do próprio conceito em/de si.

REFERÊNCIAS

Ailton Krenak fala sobre palestra que proferirá no IV Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Luiza Baggio. CBHSF, 09/08/2022. Podcast. Disponível em: <https://soundcloud.com/cbhsofrancisco/ailton-krenak-fala-sobre-palestra-que-proferira-no-iv-sbhsf-travessia-131>

AMARO, F. R. **Colonialidade e decolonialidade do sagrado: ciências da religião e a desconstrução de paradigmas estanques**. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 8, n. 1, 2022. DOI: 10.23899/relacult.v8i1.2295. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2295>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018;

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000;

FERREIRA, Aurino Lima et al. **As noções de espiritualidade do campo de estudos da psicologia transpessoal brasileira**. Revista Portal: Saúde e Sociedade, [S. l.], v. 6, n. Fluxo contínuo, p. e02106003, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/nuspfamed/article/view/12096>. Acesso em: 27 nov. 2024.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Sidney Carlos Rocha da; RIBEIRO, Ronilda. **Psicologia transpessoal: transcendência na imanência**. Psicologia, espiritualidade e epistemologias não hegemônicas: v.3. Tradução. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Sidney Carlos Rocha da; SILVA, Carlos Rocha da; SANTOS, Adriano Albino dos. **Psicologia Transpessoal e a Espiritualidade Participativa Decolonial**.

FREIRE, Ana M. A. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (Org.). **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra;

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001;

FREITAS, Alexandre Simões de. O ‘Cuidado de Si’ como articulador de uma nova relação entre educação e espiritualidade. **Diálogos em educação e espiritualidade**. RÖHR, Ferdinand (Org.) 2. Ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

FREITAS, Luis Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FILIZOLA, Gustavo. **Cosmopercepção Iorubá e promoção da resiliência axé na trans-formação humana em crianças do Ilê Axé Orixalá Talabi**. Recife, 2024. 389 p. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pernambuco

FILIZOLA, Gustavo Jaime; BOTELHO, Denise Maria. **Lei 10.639/2003: caminhos para desconstrução do racismo epistêmico/religioso no ambiente escolar.** Formação Docente - Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores [S. l.], v. 11, n. 22, p. 59–78, 2019. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbfpf/article/view/251>

GOMES, Márcia. **Educação transpessoal: elementos para sentirpensar a perspectiva participativa decolonial.** Recife, 2022. 208 p. Dissertação em Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa.** O neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

LUCENA, Adelmo. **Ministério Público recebe denúncia de cultos evangélicos em escolas estaduais.** Diário de Pernambuco, Recife, 11 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2024/10/ministerio-publico-recebe-denuncia-de-cultos-evangelicos-em-escolas.html>.

RODRIGUES, Neidson. **Educação: Da formação humana à construção do sujeito ético.** Educação & Sociedade, ano XXII, nº 76, Outubro/2001

Relatório-Síntese das Discussões dos Seminários Estaduais Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade. Psicologia, espiritualidade epistemologias não hegemônicas: v.3. Tradução. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016

RÖHR, Ferdinand. **Educação e Espiritualidade: Contribuições para uma Compreensão Multidimensional da Realidade, do Homem e da Educação.** 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2013;

RÖHR, Ferdinand. Espiritualidade e Formação Humana. **POIÉSIS, Tubarão**, Número ESPECIAL: Biopolítica, Educação e Filosofia, p. 53 - 68, 2011.

RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda: Educação e Descolonização.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021;

SANTANA, José. **ESQUIZOESPIRITUALIDADES E CORPO-AMÉRICAS: implicações pedagógicas para sentirpensar a formação humana.** Recife, 2024. 317 p. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Ana Rosa Clochet da; BARROS, Douglas Ferreira e BARSALINI, Glauco. **Religião e Decolonialidade.** Revista Reflexão, vol. 45. e205012, 2020. Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Campinas